



**ANTES QUE
OS JARDINS_**



LUCAS FEAT

ANTES QUE OS JARDINS

LUCASFEAT

contos

Licensed under a



Lucas Feat, 2007—2010

Licença Creative Attribution-NoDerivs Commons

Você pode copiar, distribuir, exibir e executar esta obra sob as seguintes condições:
Atribuição — Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante. Vedada a Criação de Obras Derivadas — Você não pode alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta.

Attribute this work:

The page you came from contained embedded licensing metadata, including how the creator wishes to be attributed for re-use. You can use the HTML here to cite the work. Doing so will also include metadata on your page so that others can find the original work as well.

*

1986 — Feat, Lucas
Antes que os Jardins: 2010
1. Literatura brasileira I. Título

ISBN: 978-0-557-37492-2



Licensed under a
 **creative commons**

A MUCAMA
SALTÉRIO PARA VAMPIROS
AMÁLGAMA
VOMITANDO CLICHÊS
CONTO1
REENCONTRO
COTIDIANO
ROMANCES NOTURNOS
O TEMPO DO FIM
RETINA DE MARÉ
OLHOS ACOSTUMADOS

a mucama

Ela. Ela era só ela. Dona de si, independente e provedora. Achava que não tinha defeitos. Defeito algum. Para se ter uma ideia, nem acreditar em Deus ela acreditava, porque ela era só ela, oras! Era de Touro. Orgulhosa, determinada e forte. Forte como um touro. Mas também não acreditava em signos, nem arcanos, nem nada. “Nada dessas coisas, saca? – dizia ela – Não acredito nem em destino! Sorte ou azar? Nada a ver. Quem escreve minha história sou eu. Foda-se o alinhamento do Sol com Andrômeda; danem-se os Búzios ou trevo de quatro folhas, ferradura e o escambau. A felicidade sou eu quem faço Trabalho pra quê, afinal?” Trabalhava em um salão de beleza no Setor “P” Sul (bairro periférico de Ceilândia–DF) como manicure e pedicure. Musicalmente, flertava entre os Racionais e Bonde do Tigrão. “Na verdade sou eclética, saca véi?”. Wanderléia, Wando e Banda Calypso também entravam em sua eclética, – por favor, não esqueçamos desse termo “eclética” – enorme bagagem auditiva. A moça era completamente apolítica. “Nem entendo porra nenhuma, véi. Pra mim, tudo róba”... Mas ela, Rosa Maria, chamavam-na então só de Rosa, porque afirmava que “Maria” era nome de velha, tinha lá seus grandes méritos como mulher Adorava ser chamada de “Mucama”. Na cama, é óbvio. Tinha 23 anos. Entre os anos de 1999 e 2000, era apelidada carinhosamente de Bavária (em alusão a marca de cerveja) porque todos os amigos da rua já haviam sido embriagados por ela. Todos tinham sido escravizados pela Mucama.

Rosa adorava um macho. Por favor, não nos esqueçamos deste pequeno detalhe. Barba, ombros largos, cheiro agridoce, pêlo, peito, pegada, porra, lambida, comida, esfregada, rasgada. Sexta, após a cervejada na casa da Luiza, encontra Vinícius, amigo de infância, quinta série ela pensa, não tem certeza, não lembra direito. Mas se lembra do jeito como se sentia perto daquele magrelo que, na época, já tinha um bigodinho fino, à la cantor de Bolero. Ele chega, ela nem finge que não lembra, já vai logo dizendo, insinuando, oferecendo, dando. Efusivos, eles vão, vem, voltam, retornam ao mesmo assunto. De repente, como num passe de mágica, como se nada aquilo fosse natural, acabaram se teletransportando para o quarto da amiga Luiza. “Gente boa a Luiza, empresta o quarto para as amigas e tudo”. “Tem um pacote com preservativos masculinos texturizados no meu armário, sussurrou Luiza, no corpo da camisinha há uns pontinhos salpicados como se fossem bolinhas. que aumentam gradativamente o prazer, é uma delícia!”, disse no ouvido da amiga Rosa, que a partir de alguns minutos se transformaria na “Mucama”.

“Gente boa a Luiza, empresta os preservativos diferentes e tudo”. Apaga a luz Vinny diz, pra quê ela responde. Mucama vai logo esfregando, apertando, arranhado, aqui, assim, tira tudo, põe tudo, isso, agora, to quase. No dia seguinte ela ligou. Ele não tinha dado a mínima. Terminou onde quis, ela tinha deixado que assim fosse. Ela ligou novamente. Ligou, ligou, ligou. Ele tinha dado o número errado, o desgraçado. Tentou de novo, mas errou o último dígito. “Não, aqui não tem nenhum Vinny não, sou o Fabrício, mas como você ligou, diga-me boneca, tava procurando companhia pra sábado é?”

Boteco do Badeco – Aqui o forrozão come solto, cambada! Este era o slogan do bar. O encontro aconteceu às vinte e três horas em ponto. Fabrício chegou de Chevette 85 verde, camisa pra dentro da calça de brim azul escuro e gel na cabeleira. Quis fazer um topete moderninho,

mas acabou deixando de lado. Seu cabelo era quase impermeável. Sara-rá total. Cida chegou de vestido curto preto, básico, solto e com decote. Fabrício pensou em deixar seu cigarro Derby Azul, já quase fumado o filtro, cair no chão para poder arrumar pretexto para examinar a cor da calcinha da Mucama. O pobre homem estava com a cabeça longe. Estava com a cabeça dura. Depois da segunda cerva, Rosa mira o garçom e diz “Ta aqui a grana da cerva” e sai com Fabrício, que ainda tentava explicar pra ele que era ele quem ia pagar a conta. Ela soltou um “eu tô com pressa, baby”, e pulou em cima dele. Abriu a porta e foram para o Chevette. “Tem certeza que não passa ninguém aqui, Rosinha?” Mas ela nem respondeu. Quando meteu a mão por debaixo do vestido, ela estava sem calcinha. Oh!, ele exclamou, mas ela nem deu bola, porque já estava nas bolas. Tocou, beijou, lambeu, brincou, gozou.

No dia seguinte, nada. Ele também não ligou. Confiou nele a ponto de ficar esperando Fabrício dar um telefonema apenas. Foi como o outro. Além do telefone, tinha dado o MSN: mucama_sapekinhaaa@hotmail. Mas nem isso. Nem sinal de fumaça. Nem língua de sinais. Talvez se fosse mudo, teria emitido qualquer som incidental. Ela tinha vasculhado todo o Orkut, procurando pelo nome ‘Fabrício Arthur’. Mas de certo, o moço deve ter ido ao cartório desfazer o registro nominal. Merda de homens!, pensou consigo.

Na semana seguinte, saiu com a Regina, prima de consideração. “Hoje vamos causar Rosa, vamos causar!”. Foram a um churrasco na casa da Carlinha, que acabou por apresentar a elas, o Paulinho, que era ex-cunhado da prima da Fernanda, uma ex-melhor amiga da Regina nos tempos do 2º grau. Cerveja, whisky e vodka passeavam livre e alegremente aos litros pelas mãos dos convidados do “churras” da Carlinha. Pessoas são apresentadas, pessoas são devoradas com olhares libidinosos de jovens tarados e embriagados. Aquela coisa toda que você sabe muito bem. Pois bem, Paulinho chegou, soltou cantada de mestre-de-obras,

boa pinta, gostosão, Mucama gostou, ta gostoso, mas então vamos para sua casa. Paulinho disse “Não, temum lugar aqui pertinho que”... mas ela o interrompeu “Paulin, só na sua casa”. Ele estava louco, pensando na marquinha do sutiã dela que tinha visto de relance.

Vodka espanhola, de Córdoba, MPB, Jorge Ben, Take easy my brother, e ele no sofá, uivando e pulando em cima dela como um garotinho de cinco anos que vê o Mickey Mouse pela primeira vez. Ela bebeu, fumou, dançou, ele pediu, dançou com ela, pôs a mão e ela disse “Não”. Até se surpreendeu ao repetir: “Não!” E gostou: “Não, não e não”. Ele enlouqueceu de vez: Ah, mucaminha... implorou, gesticulou, agonizou, pelamordedeus!, se contorceu feito um fanático no final do Brasileirão. “Tá bom”, ela disse, “faço um strip”. Deus seja louvado!, pensou ele, porque já estava a ponto de explodir as cuecas e sujar todo o chão da sala com sua imundície. Parou e ficou olhando, quando ela, de uma vez só, disse “a calcinha te dou de presente, mas o corpo não”. Quase chorou ao ver a Mucama linda vestindo a roupa e abrindo a porta solenemente. Se atrapalhou um tanto enquanto guardava seus pertences na calça jeans, mas já era tarde. Ela piscou pra ele e tomou o elevador. Quando Paulinho voltou, ficou absorto pensando naquele piercing no lugar estratégico. Estava louco por Rosa, a Mucama. Viu que embaixo da garrafa de vodka vazia estava um bilhete com o número e MSN dela. Depois disso, foi o único que ligou no outro dia. Mandou e-mails, adicionou no Orkut, Facebook, myspace, Twitter e ainda lhe deu de presente o novo disco do Jorge Ben, autografado especialmente “Rosa é a flor escolhida no dia do primeiro encontro do nosso dia com vida”.

saltério para vampiros

O celular toca. “PQP, alô. Sim é o Edu. Sim, já fiz o check-in. Eu sei, estou atrasado, tudo bem, chego aí rapidão, esquentar não. Falou”. Estava no aeroporto Juscelino Kubitschek esperando dar a hora do embarque. Clicou no botão vermelho a fim de desligar o celular. A cabeça girou um pouco e viu uma moça parada, de perfil, que fumava um cigarro vermelho do outro lado do saguão. Ela usava uma camiseta colorida extravagantemente anos 90, unhas vermelhas e botas All Star, um pé verde outro pé azul marinho até a metade das canelas, de onde saíam uma meia-calça semitransparente que conduzia os olhares até a outra ponta das pernas onde se via um shortinho jeans curto e apertado. Embora fosse alta e rígida, a mulher ali parada de perfil, com um modelito não muito convencional, fazia lembrar a personagem do seriado Punky, A Levada da Breca. Mas a Punk, obviamente, não tinha idade suficiente para ostentar um piercing daquele tamanho no meio das narinas. Mas Edu achou charmoso. “Charmosa, ela”. Pensou em chegar. Pensou que adoraria ser um elegante fumante passivo. “Isso soa romântico”, pensou ele. Pensou em como era tímido. “Se eu chegar nela e pedir o número, ela vai saber como sou ultrapassado. Meu celular é da época da Revolução Industrial. Toda moderninha desse jeito, ela deve ter celular que vira amante”. Edu retrai os olhos para o velho celular de modo duvidoso, como se estivesse julgando-o. Como se houvesse uma petição a favor da pena de morte aos celulares comuns que só fazem ligações e nada mais. Ele deposita o velho bloco de concreto comunicável no

banco. “Será que ela é uma dessas mulheres doentes por tecnologia? Definitivamente não sou um hacker. Nunca serei um. Não sou chegado a esse lance de tecnologia de ponta. Não compreendo patavinas. Coisa nenhuma. Sou um hipocondríaco tecnológico. Tenho aversão crônica a milhares de luzinhas multicoloridas piscando sem parar, todas de uma só vez. A maioria de todo mundo, por incrível que pareça, são loucos por todo tipo de lançamentos da indústria da comunicação móvel. Design, cor, tamanho, capacidade de armazenamento de dados. Tudo influi em suas vidas. Brasileiro adora uma novidade. Não vejo a mínima diferença entre Plasma e LCD. Afinal, tudo muda em questão de dias! PC’s, celulares, GPS, MP sei lá quanto, pen drives e toda esta parafernália acessível, digital e exclusiva que o mundo moderno é capaz de oferecer e que o capitalismo exacerbado nos impõe como uma espécie medonha de Adolph Hitler sofisticado da era da banda larga. Se você não tem o novo modelo de celulares cibernéticos Wireless que dão bom dia e trazem cerveja mexicana, sinto muito. Afinal de contas, pra que serve mesmo esse negócio de Bluetooth? São tantas parafernalias, tantos nomes esquisitos, que sere humanos comuns e normais como eu acabam se confundindo. Será que os japoneses já inventaram um Micro-celular-chip-com-teletransporte-3D/3G-e-raio-laser que não cause impacto ambiental e não favoreça o aquecimento global? E se as baterias desses aparelhos causarem ainda mais depressa o derretimento das calotas polares do Ártico? Santo Graham Bell!, não sei por que um telefone móvel é tão cultuado assim. Conheço centenas de pessoas que só dormem com o celular do lado. Como se aquilo fosse uma espécie de amor-da-minha-vida-em-plena-lua-de-mel-em-Nova-York ou coisa que o valha.

Seu pensamento é interrompido bruscamente por uma chamada de voo. Mas não é o seu. Ele olha para o velho celular em cima do banco e depois para a mulher que apaga o cigarro com a sola do tênis do

outro lado do saguão, ajeita o suspensório roxo e caminha em sua direção, completamente distraída. Talvez ela tenha tempo. Talvez seu voo atrase. Talvez espere seu namorado. Talvez espere sua avó voltando de umas férias em Campos do Jordão. Seu namorado de volta de uma negociação com os japoneses. Talvez ele esteja a fim de abrir uma filial de restaurante de peixe cru no meio da capital. Talvez ela nem tenha namorado que come peixe japonês. Talvez vá pra Sampa, a cidade que nunca dorme. Goiânia, aqui pertinho. Talvez vá fazer um estudo científico sobre os ursos polares da Antártida. Na Antártida não há aeroportos internacionais. Não existem aeroportos internacionais com nome de gente famosa. Mas ela está vindo, cada vez mais perto. Nem pra me dar mole, tipo, Nossa, eu já tive um celular como este, quer transar?, ia ser bacana. Ela passa um tanto distraída. Ele tosse um pouco, friagem no peito. Ela olha para o banco ao lado dele. Ele repara que ela carrega um celular na outra mão, mas que ele mal consegue vê-lo. — Meu! - ela diz - pensei que nunca mais ia ver esse modelo de celular!

Era Edu e ela. O ápice.

— É. - disse Edu.

— Este é seu? O meu é igualzinho, ó - disse ela, mostrando o celular para ele, balançando de um lado a outro.

— Então, - disse Edu - tá vendo? Temos algo em comum. - ele sorriu - Seu voo vai pra onde?

Ela crispou o rosto.

— Pro inferno. - ela também sorriu.

Cheia de graça e charme, como só as mulheres sabem fazer.

Ela se virou. Saiu andando distraída.

Ele repara na Tattoo dela, bem no meio das costas, entre as covinhas, em cima da bunda.

Edu, meio aturdido, suspira e diz:

— Porra, eu queria ter coragem para fazer uma tatuagem.

amálgama

Acabara de acordar. No espelho, viu a remela saltar dos olhos numa única esfregada com a bucha vegetal adquirida em mais uma daquelas revistas que vendem utensílios tipo Tupperware. O olho borrado quase sai na bucha também. Ume espinha é estourada aos delírios. Cara de ressaca. Sinuca pede bebedeira. Sexta é foda. Sábado é pior, dia de faxina em casa. Pensou estar sozinha, gritou: Mãe, mãe!, mas a voz do quarto ecoou no carpete da sala, no forro do teto e depois voltou aos tímpanos. Ela foi à cozinha e sacudiu a garrafa de café, dois dedos na xícara húngara. Essa era a hora de fumar: Ninguém em casa, beleza. Fumo escondido mesmo, e daí? Fodam-se os fumantes moralistas, pensava consigo. Deu um suspiro ainda com o cigarro entre os dedos e foi lavar a louça: Não tem nem luva nessa merda; Olha, tá molhando minha blusa da Verdurão. Quinze minutos depois estava enxugando os talheres com o pano de prato da mãe que ganhara da tia de Salvador e depois os guardou. Lavou também o banheiro, tirou a poeira dos móveis, sacudiu os lençóis do quarto. No embalo, tirou o lixo e as tralhas do chão, dos aparelhos, das mesas, e por fim, das camas. Foi lá fora e lavou a varanda e depois os tapetes: Lavar na mão é foda porque fode todo o esmalte da unha. Um garoto descamisado pára em frente ao orelhão em frente à sua casa, há um amigo barbudo e só de bermuda com ele. Ela pensa em chamá-los para um ménage à trois . Mas logo desiste porque está com o cabelo “fuázento” e pondo o lixo pra fora. Às onze e quarenta e sete sua mãe chega da floricultura com rosas

vermelhas nas mãos. Flores, pensa a filha, que brega, se um homem me oferece uma dessas eu morro. Acho ódio. Faço o carinho engolir as flores pela bunda, com espinhos e tudo. No almoço a mãe pergunta: Cadê seu avô? Sei lá, deve ta dormindo, ela responde. Fui no quarto e ele não está, continua a mãe. Deve estar enfiado em algum lugar por aí, diz ela. Porra, você vai dar conta do meu pai, ouviu?, diz a mãe. ..., diz a filha.

Dentro do caminhão do SLU, junto a restos de comida, vidro, plásticos, e cacarecos, um saco preto se debate como se fosse uma aranha de cabeça pra baixo. Dois lixeiros apostam um refri: Acho que é um gato, diz um deles. Ta mais pra hipopótamo, calcula o outro. Nem pra ser um travesti, concordam entre si. Ao verificarem o conteúdo, rasgando o saco com violência e curiosidade, confirmaram se tratar de um velho que estava preso dentro do saco e que provavelmente teria sido confundido com uma cafeteira usada e ido parar na cesta de lixo. Deus!, exclamou o velho, Onde estou? Que porra é essa? Quanto vocês querem? Já vou avisando que sou aposentado do INSS, classe operária... Os funcionários que usavam uniforme alaranjado o deixaram na 14ª Delegacia de Polícia a fim de prestar queixa de sequestro: —Eu estava na minha cama, dormindo, porque eu só acordo na hora do almoço, e de repente, do nada, fui parar dentro de um saco de lixo, soterrado entre porcarias de um caminhão de lixo, ficando a mercê de dois funcionários do Sistema de Limpeza Urbana. O delegado olhou bem para o Agente que franzia a testa em dúvida, depois para o velho que coçava a barba de dois dias e que lhe salpicava as faces. Onde tu mora, senhor? Vamos te levar pra casa, disse o Chefe da Guarda. Mas como?, perguntou o velho, Ninguém aqui vai registrar nada? Imaginem se me sequestram de verdade? Hoje em dia está tudo tão violento que... estão me ouvindo? O rabecão partiu na direção da casa do velho, uma casa velha que ficava perto do Hospital Psiquiátrico São Vicente de Paulo, próximo do cen-

tro. Na sala, a mãe assistia o noticiário das seis da tarde no canal à cabo quando eles tocaram a campainha. Ela atende aos policiais e quando vê o pai, fica desnorteada e chorona. Já havia colocado anúncio no jornal e tudo. Agradece a gentileza dos homens da Civil e entra para abraçar o pai. Em seguida o velho senta no sofá e pede dois dedos de café enquanto acende um cigarro de palha. Horas depois a neta chega meio bebadazinha e felizinha: Êêêêê boteco! Tava aprontando, né vô? E ri. A mãe preocupada diz: Você sua estabanada, esqueceu o seu avô dentro do saco de lixo hoje de manhã e ele teve que voltar no carro da polícia! Cabeça-de-Vento!, diz o avô. Ela sorri e diz que foi só uma bad trip, foi mal, acontece, de boa, to cansada, vô dormir. Bençaí Velha Guarda.

vomitando clichês

Dia desses fui raspar a careca num barbeiro em Bethnal Green. O local estava vazio, então já fui me sentando na cadeira preta e estofada, com uns braços meio tortos que ficavam apoiados numa base meio torta também. Tinha umas revistas pornôls meio perto de mim e eu catei algumas e pus no colo. Não tenho paciência pra muita coisa, então as folheei rapidamente, do meio para o início, reparando apenas que as mulheres europeias, assim como as americanas, também valorizam mais os peitos que a bunda. Olhei para o lado e havia um cara altíssimo que estava de costas, limpando os pentes com um pincel amarelo. Ele se virou e disse: Oi, sou o Jeffrey. Que vai ser hoje? Ele era um branquelo inglês, barba espessa com carregado sotaque cockney – típico do leste londrino, talvez o equivalente local do bairro da Mooca em São Paulo.

Ele passou um tempo me olhando enviesado, mesmo depois de eu dizer a ele que raspasse os lados da minha cabeça, porque em cima já não havia quase nada. Mas segundos depois, ele, me dando por estrangeiro, perguntou de onde eu vinha. As aulinhas de inglês que eu havia feito no Soho não tinham ajudado em nada. Para um brasileiro há dois anos na Inglaterra, eu ainda tinha um sotaque do caralho.

— Brazil, eu disse, tentando esconder a falta de aptidão inglesa até para pronunciar o nome do meu país. Todavia, olhando na cara daquele brutamotes fantasiado de cabeleireiro, percebi que ele não havia gostado da resposta, tanto que ele deu a balançar a cabeça de um

lado para o outro, meio puto, como que em negativa à minha resposta. Ainda passei uns maus bocados porque ele segurava em uma das mãos uma linda navalha alemã Toro J.B.H & S. Solingen raríssima, com uns detalhes vermelhos, dentro dum desenho medievalista ou celta, a qual supunha eu, usá-la na minha garganta – para escanhoar a barba. Mas, no mesmo instante, eu fechei minha cara também, pois, de uma forma estranha (eu havia procurado informações sobre o bairro na internet), aquela era uma zona londrina numa espécie de quartel-general da extrema direita, que odeia imigrantes, forasteiros e todo e qualquer outro ser humano que não faça parte do registro civil britânico.

Às vezes acho que gosto de viver aqui exatamente por esta refinada ironia britânica, tão diferente da arrogância narcisista dos franceses, argentinos e cariocas. Quanto ao Jeffrey, ele continuava ali atrás de mim, navalhona na mão, sorrindo através do espelho, com uma boca rosa escancarada cheia de dentes estragados. Fiquei mal. Eu não gosto muito de ver dentes estragados. O irônico é que, ele de pé daquele jeito, ficava robusto e imponente como o Big Ben. Foi aí, todo cheio de si, que ele disse:

— Vocês imigrantes, não sei por que arrumam jeito de sair do país. Você por exemplo, nasceu num país ensolarado, festivo, alegre e cheio de bundas. O que veio fazer neste lugar?

Fiquei surpreso, pois, a cultura britânica é um sistema radical, por vezes de apreensão de sensações, instintos e sentimentos; um povo completamente individual. Aprendi um pouco com uma mulher no Bristol, em festas de Nu Skool Breaks. Ela era realmente profissional. Quase todos os grandes nomes da literatura inglesa – Shakespeare, Dickens, D.H. Laurence e até os contemporâneos como Ian McEwan e Hanif

Kureishi – não se cansam de falar das paixões não declaradas e tesões reprimidos. Mesmo se tratando de patriotismo. A não ser no Rugby, lógico. Completamente diferentes de nós latino-americanos nacionalistas e apolíticos. Para nós, ódio e amor é uma moeda inflacionada.

Aquele dia do barbeiro era um domingo lindo, porém branco e com um solzinho de inverno. Tudo meio esquálido, como uma ligeira solidão gostosa. Naqueles domingos londrinos, haviam os festivais de inverno, superlotados, as ruas entupindo-se de punks, rappers, fat's curdos, hare krishnas mongois, DJ's lésbicas e etecetera. A cidade vivia um caldeirão cultural e uma imensa diversidade étnica, e eu quase não havia reparado na sutileza das palavras de Jeffrey. Diante do espelho, assisti calado e quieto meus cabelos caírem como pequenas pétalas negras. Lá fora, dentro do branco das ruas, ouço um irresistível solo de guitarra provavelmente oriundo de algum pub colonial de paredes sujas. Aquilo é pra mim, como as Ilhas Glápagos devem ter sido para Charles Darwin enquanto elaborava sua teoria evolutiva; ou, as Ilhas Cayman para algum parlamentar enquanto buscava alguns paraísos fiscais. Olhei em torno e larguei as revistas, dizendo a ele que estava em Londres só por causa de dinheiro. Então ele perguntou se eu fazia programas.

— Você faz programas? Não, eu disse, e concluí pra ele, que deixei meu pai adoentado do outro lado do Atlântico e vim buscar um emprego qualquer, e que acabei arrumando um de webdesign numa empresa pequena do outro lado da cidade. Ele ainda me olhando com certo nojo, talvez na dúvida que eu faria programas.

Por fim, sacudi os cabelos (que já eram pêlos) e que ficavam coçando minha nuca e minhas orelhas, passei as mãos sobre a careca e dei o dinheiro ao Jeffrey, que sorriu e disse que gostaria de visitar o

Brasil, e eu disse a ele: Porra, muito escroto. Então ele virou as costas e disse: Thank U. Eu respondi: Aí man, e apontei para o pub. Atravessamos a rua e demos nas mesas frias, com cervejas geladas e o Hot-Rock. Eu disse: Lar doce lar. Ele riu e levantou a taça. Batemos. Depois daquele dia eu deixei o cabelo crescer e nunca mais vi o Jeffrey.

conto 1

Márcia, vinte e sete anos, casada há três com Cláudio, vinte e nove. Quinta-feira, vinte e três horas e quarenta e oito minutos.

-Amor...

-Hum.

Ele desliza a mão devagar entre a barriga e a blusa semi-transparente da esposa.

-Não bem, pára.

-Porra... - disse ele crispando o rosto.

-Quê que é?

-Hummm... - insiste, voltando-se para ela com a mão em cima da blusa.

-Eu tô lendo.

-Estou vendo, meu bem.

Ela ficou olhando-o por cima dos óculos. Parada, imóvel.

-Estou lendo uma tese de um professor estupendo, de Harvard.

-Deve ser realmente magnífico o que esse cara escreve. Quiçá um prazer e tanto ler essa merda. Já estou até vendo você quase gozando no final do artigo...

-Orgasmos múltiplos, Cláudio.

-Ora, você nem me quer um pouquinho?

-Tô ocupada, agora. - disse, levantando um pouco a voz.

-Você nem me ama mais... - Apelou ele.

-Não seja bobo.

-Bobo? Como assim bobo?

-Idiota, bisonho, retardado, infantil, retardado, tonto...

-Esqueceu de mencionar mongol.

-Dá no mesmo mongol e retardado. E já chega né? Tá tirando minha atenção.

-Oh! Sinceros perdões!

Silêncio. Alguns minutos se passam:

-Eu também vou ler. - disse ele, fazendo careta.

Ele pega o jornal amassado, desamassa-o e abre nos classificados. Nas últimas páginas.

-Aqui, rá! Samantha, vinte e um anos. Morena, 1,77 de altura, 60 Kg...

A esposa o olha de esguelha. Ele continua.

-Bumbum lisinho, marquinha de biquíni, boquinha de veludo. Promoção!

-Ai meu Deus! - interrompe-o - Só o que faltava!

-Uau hein, caralho! Faço completinho, como se fôssemos namorados. “Uma mulher diferente, com algo enorme que irá surpreender você”!!! Faço dominação com vibros, ativo, passivo, etc.

-Rá! É a sua cara!

-Foi um equívoco, tá?

-É, o Ronaldo também equivocou-se. Quaaaase...

-Na verdade ele acabou se fudendo de verdade, porque acabou no Corinthians...

-Aff... Futebol, agora? Cala a boca!

-Não sei porque você está dizendo isso. Aquele seu namorado, o que

—você namorava antes de mim, parecia a Lacreia dançando a boquinha da garrafa.

—Ele dançava balé clássico, e foi para Moscou.

—Isso é coisa para mulheres e cabeleireiros! Onde já se viu?!

—E aquela escrota que você pegou na boate, um mês antes de ficarmos pela primeira vez no bar do Júlio? Aquelazinha tinha cara de Ornitorrinco!

—E aquele Kléber? Puta que pariu, só você mesmo!

—Que tem o Kléber? Não fala do Kléber.

—Ele era tão cheio de tecido adiposo que parecia sua mãe! O escroto redondo era tão gordo, coitado... Acho que nem conseguia achar o próprio pinto.

—Não fala da minha mãe não, seu porco filho duma puta idiota!!

—Rosna, vai! Quer morder meu braço?

— Eu tenho nojo daquelas mulheres nojentas que você pegava quando era solteiro, Cláudio. Tadinha daquela vovó que você catou no baile de carnaval...Tava na seca, né?

—Não tinha nada de errado com a Denise...

—Muito velha pra você, convenhamos. Uma prostituta de rua mumifi-

cada.

-Preconceituosa! Só vinte e dois anos de diferença. Hoje em dia ninguém liga mais para isso.

-Vovozinha tarada, maníaca e enrugada! A cara dela parecia um cotovelo!

-E aquele seu namoradinho veado?

-Quem?!

-Um carinha babaca que fazia nutrição. Que veadagem! Nutrição é coisa de quem gosta de dar o rabo.

-Era era gostosão. Costumava malhar todos os dias, depois da faculdade.

-Ai, ai.

-Fortão, leonino e vegetariano. Tinha uma vitalidade...

-Forte, verde... tipo o incrível Hulk?

-Bota incrível nisso!

-Comedor de alfaces, viadinho. Grande coisa ser bombadão. Garanto que o pau dele nem sobe mais de tanta dose de Deca e A.D.E ...

Aí, como ele é um escroto filho duma puta porca do clube das ordinárias, ele tenta meter assim mesmo, sem conseguir dominar o próprio instru-

mento, e nem consegue, porque é um bombadozinho mixuruca que não sente mais tesão, mas você é prestativa, você é generosa, tem o coração filantrópico e consegue compreender os homens, aí você diz: Acontece, acontece...

-Eu digo?

-Você diz.

-Você disse a sentença no presente, Cláudio.

-E daí?

-Você está por acaso insinuando que eu ando te traindo?

-Eu não disse isso...

-Mas supôs. Tá me chamando de adúltera?

-Pense como quiser.

-Ah, é?!

-Se a carapulsa serviu...

Ela se levanta da cama, abre o armário na parte de cima e joga uma mala nos pés do marido. Em seguida, retira todas as camisas dos cabides.

Ele finge que não está nem aí. As mãos dela estão trêmulas. Márcia subitamente joga as camisas de qualquer jeito na mala, amassando-as. Ela arrasta a mala até o criado-mudo e apanha alguns apetrechos. Nem repara no que está indo para dentro da mala. Senta-se novamente na cama, nervosa.

-Você é um filho da puta escroto. E insensível - diz, sentada na cama, de costas pra ele.

- Insensível? Eu queria trepar e você ficou aí com seu professorzinho de Harvard. Agora, eeu sou insensível?

-Seu escroto!

-Frígida!

-Eu não sou frígida!

-É sim! A Marta que era boa...

-A Marta? Aquela putinha sem vergonha?! Você sabe que eu odeio aquela vadia.

-A única!

-Grrrrrrrrr

-Ah Marta, ah Marta... Puta que pariu! Nunca tive mulher melhor que ela. Encaixe perfeito.

-Humpf!

-Ela gozava que nem uma torneira quebrada.

-Que homem romântico, meu Deus!

-Você também adora meu jeito.

-Oh, claro. Sou uma mulher plenamente realizada! Vou correr já, já pros teus braços e dizer que quando você me comeu pela primeira vez, ah meu Deus, foi o dia mais feliz da minha vida!

-Quem é o fornecedor da sua enciclopédia de sarcasmo?

-Torneira quebrada, essa foi boa. Aí eeu sou a frígida na história!

-Vai lá então. Vai dar para o incrível Hulk!

- Vou.

-Tchau.

-Adeus.

-Já foi tarde.

-Até logo.

Silêncio. Minutos depois:

-Ele vai me comer gostoso.

-Quer ajuda? Vai precisar de um guindaste.

-É grande, acho que sim.

-Vai precisar porque não sobe de jeito nenhum. Hiberna mais que urso polar do Círculo Glacial Antártico.

-Ele tem mãos grandes também, boas para estapear bundas.

-Péssima para punheta.

-Tá vendo como você é infantil?

-Escroto também.

-Insensível e indiferente pra tudo.

-Ah claro! Agora eu sou a estátua de Abraham Lincoln.

-Pior.

Silêncio. Alguns minutos depois:

-Você vai embora mesmo?

-Por quê?

Ele queria dizer a ela que estava a fim de fazer amor até morrer.

-Porque eu quero a cama de casal só pra mim. Quero dormir esticado que nem um gato escocês.

Que filho duma égua sem escrúpulos, metida a pangaré! - pensou ela.

-Não vou mais!!! - gritou Márcia.

Cláudio disfarçou rapidamente a alegria em seus lábios.

-Que merda! Eu ia ligar pra Marta...

Ela correu na sala, pegou o telefone sem fio e da porta do quarto arremessou-o em Cláudio. Ele cobriu de súbito a cabeça com o edredon.

-Liga pra essa vadia!, liga! Chama! Quero vê-la aqui em cima da minha cama. Inundando e encharcando meus lençóis!

-Não sabia que você era voyeur!

-Sou uma prostituta devassa! Uma piranha que gosta de tudo, pratico até zoofilia, prova disso foi ter me casado com você.

-Meu bem, a referência de adjetivo quadrúpede se refere ao fato do meu pau grande, não?

Ela pensou um momento no assunto. Queria fazer amor com ele até morrer. Ela balançava a cabeça...

-Você que vai dar o fora Cláudio.

-O que?

-Tá surdo, escroto?

-Vou pro sofá!

-Vai.

-Já vou.

-Isso aí.

-Tchau.

-Já foi?

-Adeus.

Ele permaneceu ali. Silêncio. Minutos depois:

-Escrota, insensível!

-Você ainda está aqui? Nem se moveu da cama...

-Não. E você tava olhando pra mim, né?

-Pra ver se você já tinha ido embora daqui.

-Que mentira! Tava olhando para os pêlos do meu peito. Olhando de rabo-de-olho, pela lateral dos óculos.

-Tava nada!

-Tava que eu vi! Te conheço...

-E você descarado? Tava olhando para minhas pernas só porque estavam descobertas.

-Não estava olhando nada, Márcia. Você que cisma que eu fico olhando para suas pernas todos os dias pela manhã quando você acorda esse shortinho aí.

-Rá, confessou! Você olha!

-Confessei porra nenhuma, é cisma sua!

-Puta que pariu Cláudio, você sempre fica olhando para trás quando eu passo por você de manhã, com esse shortinho; quando eu tiro a roupa do trabalho, e à noite, quando a coloco. Você sempre olha.

-Só olho, só. Sou homem...e fico de bandeira hasteada...um pouquinho.

-É? Eu fico um pouco molhadinha quando você, ofegante, arfa o lóbulos da minha orelha quando me dá bom dia. Só um pouquinho...

-Um pouco molhadinha?

-É. E meus seios se enrijecem. Daí eu ponho as mãos entre as pernas e fecho-as. É bom...

-Não sabia que você sentia tanto tesão pela manhã.

-Não sei explicar... quando está amanhecendo, após o banho noturno e uma boa noite de sono, dá tesão acordar assim com o sol rompendo a noite, as estrelas se apagando... O cheiro do seu cabelo no travesseiro... Fico excitada, um pouco.

-Bem, quantas horas?

-Seis e quinze. Por quê?

- Hihhi.

reencontro

Quase tive um treco! E, desta vez, não foi o maldito cheiro de peixes frescos da sessão de congelados do supermercado. Chega a ser irônico: Quando uma mulher corta o cabelo, isso realmente quer dizer; isso eu digo com toda a convicção e posso afirmar com toda veracidade; que uma grande, imensa e incomensurável virada radical acaba de acontecer na vida dela. Porque senão, não cortaria o cabelo, não tão aparentemente assim, de supetão, como se corta as unhas... quando elas, - as mulheres - cortam os cabelos, quer dizer que algo errado aconteceu. Ou algo extraordinário, isto quer dizer, que, logo ocorreu algo fora da rotina da fulana. Uma excentricidade anti-programável, eu diria.

Na outra ponta do corredor, junto à sessão de cosméticos; entre os barbeadores cor-de-rosa para depilação e as tinturas mágicas que prometem deixar seus cabelos iguais aos da Madonna, estava ela. Contudo, fazia tempo que não via aquele rosto. A última vez, fora em um Drive-In, às escondidas. Eu a olhava, pasmem, futucando uma coloração nova no mercado da beleza, cheirando e lendo as instruções de uso... Seus cabelos, porém estavam curtos demais, arrepiadas atrás e com uma espessa franja Channel caídas aos olhos. Será que ela virou lésbica, e é o “homenzinho” da relação? Será que virou Comunista? Pior. Será que ela está ouvindo NX Zero? Oh, Deus! Isso seria terrível! Todavia, Flávia sempre teve mesmo uma icógnita musical... Afinal, quem em sã

consiência, no final da primeira década do século 21, ouve Beto Barbosa? Porém, eu tinha a sensação que era mais que um simples disco de vinil em sua vitrola.

Ela me viu. Eu já havia visto-a. Ela sorriu. Eu acenei. Flávia vestia uma blusa com a estampa do Luke Skywalker em alto relevo, mini saia drapeada e tênis. Eu poderia até jurar que aquelas meia-calças pretas e transparentes foram compradas em um desses brechós da internet. Tentei fazer cara de surpresa. Ela veio e minha direção, sorrindo:

— Maurício!

— Tá diferente, Flávia...

— Talvez.

— Tá misteriosa...

— Um pouco... e você está bem?

— Depende. - eu disse. Daí ela fez uma careta estranha e respondeu num monossílabo interrogativo.

— Hã?

— Depende do ponto de vista que você defende, do que é estar bem.- eu disse.

— Tá. Você está bem?

— Estou, por que não estaria?

— Talvez por defender o ponto de vista errado em estar bem.- disse ela.

— Talvez.- eu disse.

— E você, como veio parar aqui?

-Sei lá, isto é um supermercado... centenas de pessoas passam por aqui todos os dias.

— Oh, claro...

— Eu, por exemplo, cheguei aqui com uma perna direita, depois a esquerda, utilizando sempre coordenadas sucessivas e alternân-

cia...

— Muito engraçado.

— E você, fazendo o quê? - perguntei.

— Mudei de curso. Faço fotografia, acabei de voltar de um seminário em Hong Kong... você curte fotografia?- perguntou ela, dando um jeito na franja.

— Acho que a arte fotográfica é muito mais que toda a família com o cachorro num fim de semana e pedir para o tio gordão bater a chapa. Fotografia são nuances, movimento e intuição. Mais que feeling das matizes, saca? Tem que ter uma percepção maior no olhar, nada óbvio. Algo como “pedir para o instante fugaz pra ficar”...

Eu havia dito isto com os braços semi-estendidos para a frente, como um sonâmbulo, e os olhos para o alto, proferindo pausadamente, como um escritor que descobre a metáfora genial: “pedir para o instante fugaz pra ficar”. Acho que li essa merda em algum lugar, ou ouvi no rádio... Porém, sei que ela gostou da resposta, porque, abriu logo um sorriso largo e disparou:

— A gente nunca mais se viu...

— Realmente. — eu disse

— Achei que você só me quisesse como parte da sua estatística machista das mulheres comidas...

— Igual as mulheres, tudo são números. Viva a Revolução Feminina! Vocês poderiam até começar pagando o Drive-In...- eu disse.

— Seria arriscado, mas sabe o que é? Tá ficando meio monótono esse lance de arque de diversões para marmanjos. Às vezes tenho a sensação que sou uma espécie de feriado prolongado para os barbudos...

— Ha ha... a coisa mais antiga do mundo é mulher ir atrás de homem e depois dissimular. A fêmea precisa provar que é con-

fiável, não promíscua, senão, nunca será a mãe dos filhos dele. O cara é a fim dela, daí ela finge que não quer...É antropológico! Faz parte do ritual da dança do acasalamento. Etapas do processo...

— Machista...daqui a pouco diz que é o Jece Valadão.- disse ela.

— Depende... o que você achou da última?

— Última?

— Performance. - eu disse

— Homens, homens... Deus!

— Aula de anatomia, vai! - Apontei.

Ela me deu um breve passeio, meio desconfiada.

— É...

— Tipo King Size?-perguntei.

Ela parou por alguns instantes, piscando os olhos ininterruptamente.

— Você não quer uma epopéia, quer? Você quer uma Bossa Nova?

Já sei, Ode ao pinto! Você quer um recital de poesia peniana?

— Uma salva de palmas remedia minha vaidade...- eu disse.

— O que seria dos homens sem suas pieguices?

— Fácil. Seríamos mulheres, que ao final não seria de todo ruim. Teríamos orgasmos múltiplos e mais estimativas de longevidade, o que não seria má ideia, considerando, é claro, os orgasmos múltiplos.

Ela ficou a balaçar a cabeça em negativa. Depois, rindo, sacolejou o corpo inteiro dando gargalhadas: “você”... Meu celular então começou a tocar, e fiz ainda um gesto com a mão espalmada enquanto via Flávia tirar algo da bolsa. Enquanto discutia com meu sócio, ela pegou minha mão esquerda no ar, inseriu um bilhete nela e beijou minha boca, num encosto rápido, sem molhar direito os lábios. Meu rosto, torto como pêndulo, prensada

contra o ombro, viu ela seguir em frente sem olhar para trás.

Nunca mais a vi, visto que ao desligar o telefone, passei o número para o celular e joguei o bilhete no lixo, já em cima do container. Qual fora o acaso, ser roubado ao sair daquele supermercado.

cotidiano

Havia uma velha meio surda que caminhava tácita pela avenida. Os postes pelas esquinas deixavam sua pele mais corada, em contrapartida, o luso-fusco da noite retumbava caindo sobre seus olhos marrons escuros como pedaços de canela, doces e macios, profundos e intensos como o laço de um céu, apesar de serem vermelho alaranjado + verde e que os deixavam com o aspecto mais sombrio do que realmente era na realidade. Ao passar por uma avenida deserta, onde se incumbiam de guardar os anjos-da-guarda de estudantes virgens, cachorros poodles e vira-latas e rotwellers e pastores-alemães, crianças e idosos que voltavam de qualquer lanchonete ou pet shop ou casas de swing ou igrejas abafadas e barulhentas, as sombras se dissipavam pelo meio da noite da quase meia noite da luz espessa da lua, que também habitava o céu, o mesmo céu, salvaguardadas pelas estrelas que se incumbiam de guardar a lua, assim como os anjos da guarda se viravam com os cachorros e putas da avenida das crianças e idosos. Enquanto a velha caminhava, lembrou que seu neto a esperava sozinho em casa, dormindo ou estudando, enquanto via um elefante branco passear pelo outro lado da calçada. “Que engraçado, nunca vi um desses. Ainda por cima usa smoking”... De repente o gorducho começa a voar; voa, voa, voa e se dissipa na atmosfera fria e escura, como se fosse uma pluma na bruma. “Ora, pensou a velhinha, este ele-

fante não deve gostar de churrasco. Dizem que aqui na Terra é o melhor lugar para se comprar uma picanha”, mas em seguida lembrou-se da obesidade do amigo e disse “Vá com Deus Bolota”, chorou uns tempos, não muito tempo, só enquanto seu nariz crescia de tamanho por causa da queda da temperatura da rua. Gepeto passou correndo-lhe pelos neurônios, implorando-lhe créditos, mas ela o negou três vezes assim como Pedro da pedra da igreja negou Jesus e que mais tarde deixou o céu de Jesus pra virar sambista: Pedro Pedreiro, o cara que tocava caixinha de fósforos com Chico Buarque. “Você tem experiência com samba?”, disse lhe Chico. “Não. Mas Jesus me ensinou um monte de frases filosóficas que dá pra fazer MPB ou RAP, tipo: “Ame o próximo como a ti mesmo” ou “Ame a mim porque sou Deus, tá me ouvindo?”... daí o Chico deu um pé na bunda do ex-profeta que virou sambista, desvirou e por fim foi trabalhar na construção da cabana misteriosa de Bin Laden, que como ninguém sabe onde fica, todo mundo julga que está situado lá pelos confins dos Jardins do Éden...

Bem, já a velhota não conseguiu, num lapso, se desvencilhar de uma pedra enquanto terminava seu lindo passeio da meia-noite entre a fila do banco para retirada do INSS e sua residência, e acabou por, sem querer, enfiar o dedo mindinho num pedaço de rocha tosca. Pensou em xingar mas se conteve. Mesmo assim não escapou de dizer: Merda de pedra!, e em seguida se colocou por abaixar-se molhando a polpa do indicador com saliva e esfregando na gangrena, que já expelia sangue, sujando os chinelos novos.

Quando voltou a posição original, ela sentiu uma mão com cheiro de graxa de sapatos apertar-lhe a boca com força. A mão escorregou um pouco, passando-lhe pelas narinas, e o odor forte

e lento começou a causar estafa e ânsia de vômito. Tu vai passar tudo que tu tem aí sua múmia velha, senão eu vou te enfiar essa faca no pâncreas.

A velha enfiou as mãos no bolso do vestido, retirou sua aposentadoria e entregou-lhe, em seguida ele capturou o celular que estava em suas mãos, um modelo não muito moderno, todavia bastante útil, com diversas funções extra-telefônicas. O garoto que assaltava pensou se não ia dar muito na cara se a velha de repente resolvesse gritar, e disse: Se tu falar alguma coisa aqui eu te mato. Você mora onde?

—Dou outro lado da rua. — disse ela, com voz tranquila. O moleque (que aparentava ter no máximo uns 13 anos) percebeu que a velha não estava alardeada com o assalto e pensou que seria sua chance. Mandou ela tirar a roupa, o relógio, algumas bijuterias e o coque do cabelo. Deu uma coronhada no ombro direito da mulher que se contorceu um pouco, mordendo os lábios. Ao longe, uma sirene rodopiava pela escuridão e o ladrão então se atarantou: Corre vovó, se não eu atiro!, e começou a dar no pé na direção oposta a velha. Num sobressalto, como se estivesse escutando tudo, porque estava na casa da frente deitado no sofá de camurça, seu neto caminhou a passos largos em sua direção, chegando a encostar as mãos em seu ombro ferido. Mas ao se deparar com a avó, se desesperou por um segundo ou se confundiu com o ocorrido. A mulher gargalhava sem parar, num tom auditivo equivalente a um ataque cardíaco. Sua risada era frouxa, natural, sarcástica. Ainda no chão, deitada, ele via seu peito subir e descer em compasso com a risada e a respiração ao mesmo tempo. Ela se sacudia por inteira, os braços e os quadris, tudo de uma vez, enquanto ria sozinha.

— Vó, o que aconteceu, vó, a senhora está bem?

— Claro!

— Por que você está rindo?

— Porque poderia ser eu no lugar daquela criança, mas não.
Não sou

romances noturnos

Eu tinha saído do Brasil em pleno verão e nem me atinava à previsão do tempo. Frentes frias, zona de convergência do Atlântico Sul, umidade relativa do ar; e caso o El niño deliberasse visitar terras tupiniquins ou varrer a América de uma vez por todas, eu nem estaria por perto. Ignorei também, o esforço quase religioso de culto ao corpo que as mulheres abundantemente propagam, passando o ano inteiro resolvendo seus problemas pessoais com a balança, descobrindo a diferença entre Light e Diet , fazendo dietas esquisitas, malhando sem parar como se fossem as rainhas de bateria de uma escola de samba, anotando receitas light de um canal qualquer da televisão, tomando iogurtes com sabores repulsivos pela simples oblação masculina aos corpos sarados, especialmente nesta época: Verão, Carnaval.

Há alguns dias em terras brasileiras, lembrava-me os dias que havia passado em Jakarta. Enviado especial, fui dar naquelas bandas à cobrir eleições presidenciais na Indonésia. Esta viagem poderia ter me dado ao juízo um tanto estúpida, não fosse ela minha primeira ao exterior. Não muito entusiasmado ali, a trabalho, voltei ao Brasil após o término das eleições, quando o presidente indonésio assumiu seu posto como parlamentar. Do outro lado do mundo pra cá, sobrevoei Cingapura, Hanói, Bangkok, Nova Délhi, Kwait, Jidá; lugares míticos e extremamente

atraentes. Avistei de cima, as águas infindáveis que separavam os continentes, observando atentamente os arquipélagos, atóis e recifes oceânicos; maravilhado com toda aquela visão maravilhosamente utópica.

A emissora havia solicitado meu retorno após quase quarenta e cinco dias em Jakarta. Imensamente feliz por voar de volta para casa, depois de passar por altos e baixos naquela cidade desconhecida, porém muito habitada. Voltara sem saber de cor o nome do recém-eleito presidente; confirmando assim a ajuda incomensurável do meu sempre prestante teleprompter.

Não cultivo gosto por política externa. Não obstante, seria plausível ser enviado à Europa, agora no verão, sei que uma onda de festivais varre o continente; nas estações de trem e ruas das principais cidades ortodoxos a Woodstock. Festivais de música, teatro, óperas, cinema, toma de assalto a Europa esta época do ano. Folhetos flyers, e cartazes disputam a sedução de viajantes, nativos, repórteres e todo o aparato da imprensa internacional. Poderia ser eu um desses repórteres que vagam entre o frenesi da oferta e a angústia de não poder ver tudo, ainda que pudesse de alguma maneira como os outros, custearem toda a movimentação.

Em Agosto, recebi uns postais da Suíça, de uma antigo amigo residente lá há anos. Visualizei-os apaixonadamente, pois a cidade detém um dos maiores festivais de Jazz que acontece também esta época do ano. Os postais mostram vários pontos da cidade, que é extraordinária e estupenda! Montreux, supre a porção mais francesa do país, levando-se em consideração algumas outras cotas alemãs e italianas. É margeada pelo lago

Leman, que possui o título de segundo maior lago da Europa Ocidental, situado entre a fronteira da França e da Suíça. Contrariando a idéia que se tem dos países muito ricos, opondo-se aos subdesenvolvidos, o progresso saíço não se apresenta em formade arranha-céus e construções envidraçadas. O que se vê, fotograficamente, são limitados vilarejos compostos por pequenos prédios bucólicos, separados por vinhas que muito bem se assemelham ao que supunha eu, remeter-se aos séculos XVIII ou IX. Como o verão europeu tarda a descer, as encostas francesas e os alpes suíços nevados na outra margem do rio, desenhados ao espelho d'água, formam imagens idmiráveis; e causavam-me intenso afã ao observar-lhes ali no avião.

Após o jantar, acessei uma página sobre a Indonésia. Lembrei-me do presidente, Susilo Bambang Yudhoyono, de seu discurso verborrágico e moralista, encondido num suposto sorrisinho falso à la Elvis Presley 1956. Falava no palácio de Jakarta, além das mudanças propostas para o desenvolvimento do país, uma conferência sobre mudança climática perante a equipe ministerial indonésia e alguns membros da comunidade política, empresarial e religiosa do maior arquipélago do mundo.

Indonésia é um país completamente fora do eixo turístico sulamericano. Não é como a Suíça ou a França, por exemplo. Não seria o sonho de qualquer brasileiro veranejar em Jakarta, conclui. Certamente um daqueles lugares estranhos que você e todo mundo pensam que nunca, nunca mesmo, hão de conhecer. Principalmente na primeira viagem intercontinental de sua vida.

* * *

Solucionado aqueles supostos temores de crises aéreas nos aeroportos brasileiros, tudo voltara ao estado regular. Filas quilométricas, impaciências intermináveis. Check-in's, Check-out's, vôos atrasados, reclamações, bate boca, traslado de pessoas até a sala de espera e toda negligência típica de lugares como aquele. Congonhas estava fervilhante aqueles dias. Uma calamidade. Estávamos atravessando um vociferante horário de verão, logo as estrelas começariam a seduzir olhares.

As pessoas andavam no saguão de um lado para o outro, como se já não bastassem seus problemas pessoais; circulavam rapidamente, em lados opostos, umas entre as outras, como figurantes de Almodóvar, ou, supostas palavras encadernadas de Ferreira Gullar. Adolescentes forasteiros desprendem fumo como turcos, engravatados engomados falam ao celular como se ali fosse Nasdaq, crianças correm como cães, que correm como gatos, que correm como esquilos, que remetem-se à velocidade da luz. Retirantes chegam, grávidas solitárias se vão, desocupados roubam carros, estrelas atraem retinas a mirar-se aos céus.

O vôo atrasara. O cinegrafista e o iluminador tentam resolver nosso problema. Sentei-me ao lado de uma lata de lixo, onde há restos de alimentos e muitos tocos de cigarro. Uma jovem

aparece ao meu lado e acende um cigarro inglês. Passo a mão de um lado para o outro, perto do nariz, olhando-a de esguelha, sem repreendê-la. Ela percebe meu minucioso movimento, repassa o cigarro malcheiroso para a outra mão e coça o nariz: Desculpe, sim?, disse ela, olhando distraidamente para mim. Sorri meticulosamente para ela, observando-a mais atentamente agora.

Envolvia-se a uma blusa preta com LukeSkywalker estampada em alto relevo, mini-saia jeans drapeada e AllStar. Poderia julgar que suas meia-calças, rasgadas na coxas, fora compradas num desses brechós da internet. Olhando-a, ainda para as pernas, disse: Não me incomodo com fumaça de cigarro. Fumei onze anos. Larguei há dois; entusiasmei-a. Ela sorriu: Fumo desde os quatorze. Tentei parar a dois meses atrás. Tentei até Niquitin, sabe? Aqueles adesivos transdérmicos que auxiliam a abstenção da nicotina. Mas coçavam muito.

Ela fumava um atrás do outro, acendendo-os na ponta. Confessei a ela que sofrera um martírio e tanto quando resolvera largar o vício; frustração, irritação, ansiedade; balançava as pernas sem parar... Foi aí que ela me olhou de verdade, no rosto: Sabe que dizem que os fumantes são muito mais sociáveis que os não fumantes? Temos essa facilidade de comunicação que eles nunca terão. Uma coisa como: Tem fogo? Claro! No seu apartamento ou no meu? Nós rimos. Entrando ou saindo do Brasil?, perguntei a ela. Ao que me respondeu: Regresso à pátria amada. Passei o réveillon em Copenhague e alguns dias em Dublin, de férias e você?

La respondê-la, quando um homem alto, robusto, malcriado e incivil correu à nossa frente. Ao colidir a uma mala que estava ao meu lado, olhou para trás e não pediu desculpas. Deteve-se em frente aos telefones públicos a alguns poucos metros de distância. Pude então ouvi-lo fazer uma ameaça vibrátil a uma menina de irresolutos dezoitos anos, cabelos louros e tez pálida européia. A menina servia-se também de batom cobre sólido, rímel negro aos olhos azuis e blush rosado às bochechas, quiçá para corá-las. O agente federal de rosto comprido, nariz adunco e cabelos mouriscos a interrogava severamente pedindo seu passaporte. A moça tremia, gesticulava com excesso de lágrimas aos olhos e faces. Declarou ao agente que era uma ‘mula’, carregava drogas vindas de Amsterdã dentro do próprio corpo. Ela, como as outras meninas e meninos mulas eram aliciados a trazerem os entorpecentes ao Brasil a quinhentos dólares e mais quinhentos reais para levá-los aos presídios do Rio de Janeiro.

A moça ao meu lado, pasmada, mantinha o cigarro entre os dedos, queimando o filtro, observando a movimentação. Eu balancei a cabeça, olhei ao redor, ansioso. O policial então meteu a mão em seu casaco. A garota estava em soluços, tendia-se a espasmos; gaguejando, revelou que a porção de pó partitivo em seu bolso seria para consumo próprio. Dois agentes chegaram junto a eles, primeiro com violências verbais, posteriormente resignados a levaram até a sala da polícia federal no aeroporto. Gritei o cinegrafista e o iluminador, que estavam no guichê da companhia aérea. Minha voz reverberou no saguão, todos me olharam. Corri até eles. Quando chegamos, outros repórteres já estavam a postos, perguntando ao agente sobre o ocorrido.

Começava aí uma aglomeração de repórteres, policiais, microfones, câmeras e refletores. Os policiais disseram a imprensa que se tratava de narcotráfico, aliciamento de menores, flagrante de porte quantitativa excelsa de drogas. Telefonei imediatamente à sucursal paulista da emissora, que nos enviou suporte técnico e móvel para a cobertura.

Fomos ao Instituto Médio Legal e em seguida para o Hospital das Clínicas para maiores averiguações. Ao chegarmos à porta do hospital, tentava dar um jeito no cabelo e na gravata para tomada ao vivo sobre o caso da menina de Congonhas. Havia pegado as informações há pouco, corri para decorá-lo: Ela revelou aos agentes federais que levava o equivalente a mais de dois quilos de cocaína holandesa puríssima nos órgãos genitais, no interior de alguns preservativos de látex. Dentro de cada um deles, porções de cinquenta e cinco gramas de pó virgem, sem alteração alguma, todas segregadas dentro de seu corpo. Um raio - X posteriormente feito pela perícia no IML revelou que além dessas porções, um pacote de dois centímetros e meio de diâmetro, por treze centímetros de comprimento estava à difícil acesso, tamanha a introdução em seu órgão sexual.

Os policiais ainda prestavam maiores esclarecimentos sobre o caso, quando viera o cirurgião juntamente com o médico legista até a sala onde se realizava a coletiva de imprensa, a fim de dar-nos notícias. Disseram que uma pinça mal manipulada por um dos médicos que realizavam a operação fizera um dos pacotes estourarem na hora da retirada da substância. Ela morreu vinte e três minutos depois, de infarto fulminante, após dilatações minutos de taquicardia e sudorese em mananciais pluvio-

métricos. O delegado que comandava o caso fora seco e direto, quando afirmou que caso a embaixada da Holanda não entrasse em contato, a jovem seria enterrada como indigente em São Paulo.

Eu não sabia como repassar isso aos outros. Não estava entendendo nada. Procurava eufemismos ou termos para noticiar aquilo. Estonteei quando viera-me o verbo ‘morrer’. Procurei palavras e jargões: bateu as botas, esticou as canelas, entregou o espírito, caminhou ao senhor, afrouxou a canastra, deu com o rabo na cerca... Fiz a cobertura para o jornal da meia-noite. Só depois que saí do ar, reparei que minha gravata estava torta e com mancha de alguma substância escarlate. Fomos para o hotel a uma e meia da manhã, o cansaço tremeluzia no corpo, o sono pesava, sons ecoavam em minha mente; as retinas perdiam-se das imagens, fugia as cores; as pálpebras como se estivessem com areia seca.

Adentrei o quarto quatrocentos e um. O cinegrafista e o iluminador, que haviam retornado da Indonésia para o Brasil comigo, permaneceram em um andar abaixo. Não haviam mais quartos disponíveis no terceiro andar. Cambaleando, sonolento, cansado, debrucei-me sobre a cama dura do hotel. Pensei em ligar para Brasília: Oi queridos, deu merda aqui em Sampa! Uma sem-vergonha enfarruscou dois quilos de pó na vagina, e o papai teve de fazer a narrativa para o país inteiro. Mil beijos. Não telefonei, fiquei a pensar nos garotos por algum tempo, liguei o televisor; críticas não faltavam, proferiam comentários diversos, salientavam busca de culpados sobre a menina de Congonhas; palavras discorriam sem parar em todos os telejor-

nais. Cortei o som. Os jornalistas articulavam rapidamente sem áudio ou fonemas.

Acordei cedo com onomatopéias que julgava eu ninguém amá-las. Batiam na porta. Enquanto vestia minhas calças amarrotadas e abotoava a camisa, supus que a única onomatopéia que aprazia eu pela manhã seria: smack! Proveniente, é claro, de seres humanos com progesterona e ponto G.

Olhei para o televisor ainda mudo e para a cama desajeitada. Obtive uma vontade incomensurável de dormir ali, no desconhecido, indefinidamente. A claridade invadia ao léu aquele quarto, adentrava como um espião, pelas venezianas e caixilhos das janelas. As cortinas de persianas verticais, mal fechadas, formavam agora uma espécie de jaula ante o edredon desdobrado.

Olhei pelo olho mágico, era o cinegrafista apressando-me ao aeroporto. Pus o creme dental à escova e esgueirei-me até a janela. Arquejei ao debruçar-me ao parapeito, pois, sentia saudades de São Paulo; A velha canção de Caetano, o subterfúgio secular do sertão. Avenida Paulista e sua infindável insônia. Rua Augusta, a amiúde cafetina. Contemplei a cidade enquanto pude, ao passo que o cinegrafista levava minha bagagem ao corredor.

O voo tinha sua partida às dez e meia da manhã de um sábado quente, contudo atrasara vinte e cinco minutos. Após reencontrar sua mala extraviada no dia anterior, o cinegrafista, eu e o resto da equipe voamos de volta à Brasília.

* * *

Pensara eu em minhas férias atrasadas durante o voo; quiçá refaria o caminho oculto de Santiago de Compostela, como Paulo Coelho, ou, faria uma tour européia com os garotos, contudo eu já estava ciente que devanearia meu afã por alguns meses antes de embarcar para qualquer lugar do mundo. Após dirigir-me à emissora, ao sair do aeroporto, para entregar-lhes as fitas com os episódios da garota de Congonhas e as eleições indonésias, desloquei-me até minha casa. Liguei para os garotos, estavam com a mãe Clara; deitei na cama e apaguei. Ao acordar, me deparei com a roupa do dia anterior colada e amassada ao corpo. Minha camisa de micro fibra cinza, a preferida, esticada em largura. Vazei da cama lembrando-me do telefonema emocionante da noite anterior, quando pude ouvir os meninos pedindo presentes de aniversário; Miguel pedira um cão e Murilo uma bicicleta. Tomei banho pelando e fui ao trabalho.

“Os críticos alegam que a modificação do direito autoral e a alteração na lei Rouanet está sendo demasiadamente burocratizada, vetando assim a liberação de verbas, para estatizar os investimentos do setor privado, enquanto o governo não faz sua parte”. A narração estava horrível. A locução soava anasalada e a leitura sem ritmo. Eu não estava conseguindo me concentrar, em vez de gravar o texto pela octagésima vez, optei por redigi-lo novamente, visto que escrevera dentro do carro, chacoalhando com as freadas, ou me distraíndo com buzinas altas ou belas mulheres. Li, reli, tornei a lê-lo. “A lei Rouanet, de renúncia fiscal, não é adequada para gerir políticas públicas. A renúncia fiscal é um imposto devido que o governo permite

que não seja pago para ser canalizado na cultura”... Havíamos retornado para a edição das imagens e adição textual. Exhaustivamente ao término da gravação do artigo, fui à ilha de edição a colaborar com o corte e finalização da reportagem.

Assistimo-na eu e o editor de imagens, um branqueloalto, que causava-me certa ânsia, quando de sete à sete segundos ajeitava os óculos e piscava continuamente. Era inevitável, eu contava até sete e ele enfiava o indicador no meio dos olhos. Incansavelmente, ele demonstrava ser um cara nervoso, cheio de tiques e manias bizarras. Daí para adiante, comeci a endireitar meus óculos de leitura e resolvi tomar café. Lembrei que não ingerira café após parar de fumar, já havia deglutido-o, deu vontade de fumar, tomei água, inventei enxaqueca e fui embora mais cedo, com a matéria pronta a ir ao ar.

Insólito, retornando, lembrei de Clara. Não havia perguntado aos garotos a respeito da mãe, o que não foi problemático, afinal eles não me disseram nada sobre ela. Contudo, agora, detinha-me em proclive a respeito dela; Clara sempre fora uma tropicalista, chegamos ficar casados algum tempo; um septênio para ser mais preciso. Em um dia claro e azul como os sábados, sete anos depois. Gostava de vê-la simples, cantarolando bossas, à vontade, lavando os legumes, andando de bicicleta, lendo jornais com seus inconfundíveis óculos pretos, de cineasta. A leve morenice, a paciência, o perfeccionismo com o lar, a diligência conosco, o corpo mole e esmaecido, a pele cor de areia... Todavia ela era, hoje, ilegítima, informal, crua, algo que não me pertencia de verdade. Um bem do próximo, alheio a meus anseios, degredada de minhas posses. Metáfora, algo irreal com finalidade realista, intervenção à utopia, o acaso sequestro do fantástico. Quando ainda estávamos juntos, os dias

se espaçavam rapidamente, a lua aparecia em meio à claridade trazendo junto seu comboio de soldados estelares, munidas de fulgor à inspirar trovadores noturnos e pichadores munidos de coragem e jet, pelas esquinas dos subúrbios. Eu de alguma forma sabia que esses pensamentos nem sucederiam coerência, contudo fui reigente: a atmosfera quente de seus seios, o friso escarlate de sua boca, a tepidez de sua língua, olhos, pernas, nuca; lembrava-me dela, nós juntos. Percebi com o tempo que o que parecia insegurança, seria apenas prisões psicológicas, o que de início não havia percebido, que acreditara antes uma paixão da alma concupiscente, achando que a alma racional não deveria dela se nutrir, alimentando-me tão somente da luxúria, coisa que, pensava eu, já se sabe desde o início.

Desci até o comércio rústico embaixo do edifício. Uma moça esperava impacientemente o troco, buzinaavam lá fora, um homem de aparência tosca, de jovialidade expressiva e som-brancelhas espessas mostrava o dedo do meio à outro motorista, que gritava algo incompreensível. Imaginei que naquela sofreguidão, caso a estridulante sonoridade não sobrepujasse a audição, ele xingaria a pobre mãezinha do motorista da frente. A maior prova de amor ao próximo, é no trânsito, confabulei. Rompi o invólucro da carteira de cigarros, o celular tocou, era um entrevistado que já estava puto porque eu já havia des-marcado a entrevista ao embarcar para a Indonésia. Subi até o apartamento, peguei o material, e fui a seu encontro. A matéria seria para o site, tudo escrito, algumas fotos que mesmo as tiraria, nada espalhafatoso, rapidamente concluiria o serviço.

André Telles era homem da vida, cidadão do mundo, boêmio, nascido em um canto qualquer de boteco na Lapa. Provavelmente um personagem de Zé Ketí ou Geraldo Pereira. Pro-

tagonisticamente um homem rústico e metódico, intelectual decadente exilado em 1973 no Chile, obtendo assim refúgio ao período do golpe militar no período do então presidente, o General de Exército Ernesto Geisel. Checando maiores informações sobre o homem, descobri vasculhando revistas antigas e artigos jornalísticos da época, que André Telles fora considerado um dos cem maiores terroristas do Brasil antes do término do AI-5, por suas divergências ideológicas no período do regime militar, liderando anteriormente um movimento em prol da resistência contra a censura na música, no cinema e nas artes cênicas no Brasil.

Como entusiasta, fui de encontro à homérica jornada do épico homem do exílio, defensor das artes e um dos guerreiros da ditadura.

O homem tinha um e oitenta e sete de altura, robusto como um leão apesar da idade. Detinha a voz profunda e roufenha, alvos cabelos grossos aos quais um dia se revestiram pretos e mouriscos. Atendeu-me em um estalo, abrindo a porta de supetão, envolvendo-me de surpresa porque encontrava-se em estado de embriaguez excessiva. Sua esposa, uma jovem de aparentes dezenove anos, ingeria uma espécie de alucinógeno, que se encontrava em cima de uma mesa de vime, ao qual comportava algumas carreiras de um pó branco e fino, junto a eles, algumas poucas notas enroladas de Reais, estampando a figura em perfil da Princesa Isabel.

Ele narrava suas insólitas aventuras, como Clark Kent descreve seus dias à Louis Lane. Descrevia-nos seus feitos homéricos, e que naquela época, exilara-se em uma favela chilena, Vicuña Paradero treze, perto de Santiago, junto a outros intelectuais do exílio como Pedro Cortez, e alguns outros capan-

gas compatriotas. Depois do golpe contra o presidente chileno Salvador Allende, derrubado com o apoio dos Estados Unidos, culminado na ditadura do General Augusto Pinochet, fora embora do Chile direto para a Europa, mais precisamente em Londres, no beirro do Bristol, numa época em que os punks ingleses eram contra a burguesia, classe dominante esta predominantemente branca, liderada e encabeçada musicalmente pelos Beatles. Após a anistia político-militar brasileira, eis que André Telles retorna ao país.

Eu olhava agora os olhos daquele homem, ele me olhava, me fazendo parecer um interlocutor fotográfico, ele, um deveras personagem lenda, um esopo abasileirado. Estudei aquelas feições já desgastadas pela ação do tempo, e muitos cigarros naturais. Ele detinha as tēmporas tosadas, mas não por penitência, porém o tempo era seu inimigo íntimo, um parente redundante; tão remoto quanto sua expressão. Obtinha a testa curta, sombrancelhas espessas, e os olhos redondos e crivos, de pupilas pequenas. Seu olhar fragmentado, incerto, equidistante; não sei se inocente ou maligno, quicá entre ambas as coisas, vacilando em momentos diversos. O nariz não poderia dizer-se tal: grego como um Apolo. Sua conotação expressiva aparentava um homem obsecado, cheio de volúpia e severidade, pois de maneira alguma refletia sua retórica esdrúxula.

Acendi um cigarro juntando-me à eles. Sua mulher me perguntou a marca. Agradecida, disse que só fumava cigarros Philip Morris. Lisonjeira, disse que seria eu de grande astúcia e vocação para escolher cigarros, já que eu fumava West. Olhou para a embalagem, leu alguma coisa e fez menção à maior concentração de monóxido de carbono em sua fórmula: É como a Coca-Cola faz ruir os órgãos mais depressa que outros refriger-

antes que não usam a coca como derivados para a fabricação do produto, ela disse, apontando o maço de cigarros; eu fazia expressão de entendimento, tentava compreender o que ela dizia.

André Telles acendeu um baseado, que encontrava-se dentro de uma mochila preta, de napa e tecido sintético. Tossi um pouco, a mulher abriu a janela do apartamento, ele se levantou, prensou a fumaça, pôs na boca o embrulho, fez barulho ao tragar, prensou novamente. Esgueirou-se até a varanda, soltou a fumaça; a vizinha da frente fez uma careta, fechou a janela talvez receosa do vento levar o cheiro da fumaça para seu sofá novo. Pensou em mostrar-nos o dedo, mas era evangélica, e deu-nos o punho fechado, resmungando.

Ofereceram-me o embrulho, pastoso, mal bolado ou babado, recusei. Ele assoprou a ponta e tragou novamente. Passou até a mulher que insistiu a que comemorasse algo com eles. Tornei a negativa, esfregando os olhos e bocejando em seguida. Fui ao banheiro, lavei o rosto e ajeitei o cabelo. Reparei que minha barba estava por fazer, já não só pontilhado o rosto, mas rebuscado. Meus olhos já estavam vermelhos e meu bloco de anotações, vazio.

Quando retornei à sala, percebi que havia algo errado. Eles estavam beijando-se; ele, sentado com as pernas cruzadas e joelhos dobrados, como se fizesse yoga; ela, de quatro, como uma cachorra. Ele, com a mão em sua bunda; ela, com a mão em suas coxas. Pigarreei meticulosamente, tentando voltar ao ponto de partida. Ele me apontou com o dedo em sua frente para que me sentasse ali defronte a eles. Quando observei mais atentamente, vi em seu colo, uma pistola preta semi-automática calibre quarenta e cinco. Ele balançava a munheca, brincava com a munição colocando-as no tambor, girando-o e apontando

para sua mulher, fechava um olho só dizendo em seguida: pá! Soergui-me do chão, ele apontou a mão para mim e ditou para que permanecesse ali, imóvel. Apertou a pistola fortemente, pôs em sua orelha, fez careta. Sua mulher encolheu os ombros, mordeu o lábio inferior, quando sem hesitar, ele apertou o gatilho. Ouviu-se um clique. A mulher pegou o revólver da mão dele, olhou a arma por um instante, apertou os olhos, crispou o rosto, suou um pouco. Olhou para mim, nervosa, tirou a arma da orelha metendo-a na boca. Disparou, segundo clique. Eles então ficaram a estudar minhas feições congeladas. Pensei em Miguel, Murilo, Jacarta, garota de Congonhas, fotografias, monóxido de carbono, West, cinegrafista, óculos de cineasta, seios cor de areia... Pus o cano na boca. Estava gélido como só uma arma em riste poderia ser. Aquela era a primeira vez que tocava em uma arma de fogo de verdade. Senti o suor descer da testa e entre as linhas em M na palma da mão fazendo automaticamente a coroa deslizar, trêmulo. O cérebro processava palavras involuntárias, sem parar, como se estivesse quebrado. Como se vazasse todas as palavras do mundo, na imaginação. Nada fazia sentido, as palavras sem nexos, em transe. Não haviam regras: macarrão, curral, microfone, varanda, atriz, bigode, vírgula, mogno, papel, trombone, maracutaia, audiovisual, tapete, sangue, futebol, disco de vinil.

Tremi, apertei o gatilho, fechando os olhos, apertando as têmporas. Clique. Deu vontade de fumar, quando finalmente abri os olhos, alguns milésimos de segundo após a onomatopéia do tiro falho, vi a dupla sorrir, como se tivessem cinco anos em plena Disneylândia. Ele pegou o revólver e meteu goela abaixo, pensei que ia engolir a arma tamanho ímpeto e libido que o enfiou na boca. Ele não havia feito isso da primeira vez. Diferentemente do que já havia feito, socando-o no ouvido.

Meu coração acalmava-se aos poucos, como bongô de Salsa. O homem retirou-o da boca, passou-o pelo peito, atingindo o coração. Imaginei o cano gelado passando pelo corpo, deu na testa. Fez cara de super-herói, Sr. Coragem; a mulher pôs as mãos nas orelhas, franziu a testa e deu uma risada boa, ainda por efeito da maconha. Suspirei, ouvi o quarto clique.

Ela me olhou emocionada, e, sôfrega, pegou a arma, ficou com ela alguns instantes colado ao céu da boca. Talvez estivesse se despedindo de algo, revendo sua vida de trás para frente, quiçá lembrava-se de seu último baseado babado. Eu quis olhar ao relógio, mas fiquei estatizado, inerte. Parei para olhá-la alguns instantes. Virei o rosto para o homem; ele passava as mãos umas entre as outras, como se esperasse um pênalti súbito, aos quarenta e sete do segundo tempo, em plena Copa do Mundo. A moça, agora, aparentava uma certa ânsia, suas pálpebras piscavam firmes e rápidas, suas lágrimas congestionavam à esquerda de seus olhos. De ímpeto, atirou, clique.

Ela pôs o revólver em meu colo e olhou para ele vitoriosa. Deu um olhar resplandescente como Brigitte Bardot, imponente e severa, com um sorrisinho disfarçado, quase largo. Enquanto retirava as mãos do revólver, quase quis segurá-la a ponto de amassar-lhe os dedos na arma. A sede do projétil ecalacrar em meu cérebro era forte demais para eles. Encostei a arma em meus lábios, passei com ele ante minha face como se o cano fosse um batom, e eu, uma louca de bordel. Fechei os olhos, tornei a abri-los, levei o revólver até a garganta; pude sentir o gosto estranho e repulsivo da pólvora que derretia em minha língua; o gosto estranho me fez gofar, como se estivesse comendo uma ostra ou molusco qualquer de água salgada, propriamente nojento. Retirei o revólver da boca, dei na testa, nos

ouvidos, fui ante as têmeoras a fim de estourar os miolos, assim sujar todo o carpete da sala de estar. Recorde novamente de meus filhos, minha ex-mulher, meu trabalho...me lembrei de três palavras: puta que pariu. Engatilhei-o, pude ouvir a mola do gatilho preparando meu adeus. Escutei ao longe, o ladrar de cães que ressoavam uns latidos graves e contínuos, o vento soprando às árvores dispostas e o som retumbante de meu coração em disparada, como um baixo. A trilha sonora burlesca, um conjunto harmônico de um fim indevido, completamente insólita, sem chance de deter.

Pus novamente o dedo no gatilho. Eles me esperavam obliquamente, fixando os quatro olhos em mim. A cronaxia me excitava, o final me apunhalava, a vida me usurparia para sempre. Subitamente, uma explosão veio das janelas, um clarão invadiu a sala. Havia fumaça negra vagorosamente adentrando o local. Às pressas, joguei o revólver pelo chão, ele não explodiu, mas fez um ruído seco ao tocar violentamente o piso de madeira. Corri até a porta, ouvi vozes emboladas, abduzi a chave do tambor giratório e encarcerei a dupla. A maçaneta se movia rapidamente, havia gritos, o elevador tardava e procrastinava a chegar ao terceiro andar. Fui de escadas, lancei-me os três lances que me davam.

Dei no térreo, dispus as chaves em um vaso de planta na portaria, não havia ninguém. Ouvi outras vozes, sussurros, gritos, tumulto. Chamavam os bombeiros ao celular, pediam calma, atenção. Perguntei a um homem de bigodes grossos, vestes surradas e olheiras perceptíveis o que havia acontecido ali: o botijão de gás de uma panificadora havia explodido e um pequeno e controlável princípio de incêndio começava a suceder. As chamas de certo tomariam conta da mercadoria do

depósito, visto que os botijões ali se depositavam. Alguém levava as mãos à cabeça, enquanto uns homens de uniforme azul marinho retiravam algumas mercadorias carbonizadas. Uma pequena multidão assistia a fumaça escura, espessa e fétida sair das janelas do estabelecimento térreo do prédio côncavo.

As pessoas saíam do edifício; primeiro, segundo, terceiro, quarto andares. As sirenes se faziam ouvir aos berros, detendo a atenção de todos, girando continuamente como hélices de helicópteros. A fumaça espessa, negra, no alto, se dissipava como por encanto, entre as nuvens claras daquela tarde de verão. Um carro branco com a inscrição *aicnâlubma* estacionou perto das pessoas, que se confortaram ao vê-lo. Médicos, técnicos de enfermagem, auxiliares, se misturavam aos curiosos diversos em meio ao caos suburbano. O edifício dispunha os lados meridionais erguidos sobre uma área residencial, enquanto o setentrional, dava para a área comercial. O estilo rupestre, nem um pouco contemporâneo, davam tom clássico à paisagem física da sobrelevação do edifício, um pequeno prédio bucólico ali instalado. Diferentemente das outras edificações, esta se destacava contudo, pela incomensurável rusticidade urbana. Eu não detinha a erudição de um arquiteto, porém, logo me dei conta que se tratava de um prédio muito mais antigo que as construções que o rodeavam, nascido talvez para outros fins, e que o conjunto habitacional fora se dispondo em tempos posteriores.

Uma garotinha descalça com uma toalha branca envolta aos ombros tossia, enquanto uma moça loura a examinava. Pensei em ligar para a emissora, mas lembrei da enxaqueca. Acendi um cigarro, olhei para o alto observando as janelas em que estavam o casal se divertindo comigo na roleta russa. Entrei no carro, um veículo de imprensa já chegava para checagem de informa-

ções e averiguações do ocorrido.

Quando cheguei em casa, um modesto camponês apareceu no televisor. Lamentava a perda da safra de milho e feijão, que fora praticamente destruída pela chuva abundante daquele verão. O lavrador mostrava á repórter o que restara do plantio daquele mês, e ela seguia com a previsão do tempo: A chuva volta a castigar agricultores do interior... Observei atentamente a cotação da bolsa de valores e o mercado financeiro, depois apaguei a televisão.

Comecei a adormecer. As figuras começavam a fugir, avulsas, o corpo desligando, a mente desorientada a buscar refúgio. Tentei lutar contra o sono, porém, quando meus cílios se tocaram novamente, ouvi a campainha uma, duas, três, vezes, pensei que isto soaria inóspito, insignificativo ali na cama. Puxei o edredon com os pés, chovia lá fora, não levantei. Fechei os olhos, pensei em legislação Unicameral, Ilha de Java, cidade velha, idioma Bahasa, casa de câmbio, moeda Rupiah, democracia de princípios Dancasila, botecos de esquina... Não compreendi tais pensamentos. Possivelmente fora um sonho. Será que é assim que se constroem os sonhos? Palavras uniformes, uníssonas; quase sem vírgulas ou pontos finais; destituídos de interrogações ou exclamações. Imagens subjetivas sem pontos cardeais, deslivelado ao norte, isento ao sul, desobstruído em NW... Sons incidentais, ruídos orgânicos, código Morse, silêncio, dissonâncias: Ilusões utópicas, farsa ao ilegítismo, , uma represália contraditória à realidade.

Fiquei zozzo ao escutar pela quarta, quinta vez o ruído da campainha; o que me soou como versos de um soneto cantado. Levantei num pulo, bati o cotovelo no videocassete. Não entendi porque ainda detinha aquele aparelho em casa. Derrubei al-

guns livros de viagem: A arte da culinária Indonésia, Java Island – The Beautiful's Secret's, dicionários intercontinentais. Não havia olho mágico em minha porta. Abri ansioso, almejando algo que não sabia o que era, deveras a companhia de alguém, quiçá sentir-me um pouco querido ou amado enquanto a chuva se esvaia lá fora. Clara e os garotos adentraram o apartamento com algumas marcas de pingos de chuva em suas roupas, como nódoa líquida a desaparecer vagarosamente com o vapor do corpo ou da calefação das venezianas fechadas. Observei os garotos, bem maiores do que poderia assim imaginar. Estudando eles ali ante a sala, recordei: aniversário, futebol, bicicleta, cachorro. Culminei a relancear Clara, com uma pele tão agora veraneada como o mar. Sua morenice, o ventre seminu, os olhos negros, a lisura dos cabelos, os seios cor de areia. Eu estava descalço, a barba por fazer, e, atinei que Clara ainda sorria. Olhei mais atentamente suas feições, um pouco mais carregadas que a última vez que lhe havia fixado. Analoguei a última frase que ela havia proferido a mim com veemência, enquanto ainda estávamos juntos, como marido e mulher, enquanto ainda havia raspas de um juízo passional que pouco a pouco nos deteriorava: Tenho asco de ti! Houve aí um átimo de segundo a nos separar, como um imenso abismo intransponível. Essa fora a válvula de escape. Senti a distância ao instante. Precipitei-me num mar de fuga, como um barquinho de papel apto a despedaçar a qualquer momento; ao refluxo das águas, no oscilar oceânico. Ao que balbuciei afrontas a ela e a mim mesmo, e foi o fim, enquanto as crianças dormiam.

No apartamento, agora, o ar tornava-se rarefeito como uma estufa e começava a secar as bermudas de Miguel e Murilo. Não obstante, a blusa caqui de Clara já havia secado. Convidei-os

a assistir algum filme na sala de vídeo; ao passo que Clara se deteu em preparar a pipoca e eu de abrir as janelas. Os garotos correram ante a sala de vídeo, procurando algum suspense ou ação; Clara à cozinha com os pacotes de pipoca e eu à varanda, para fumar. Rompi o invólucro de uma carteira nova de West que adquiri voltando para casa. Eu observava a rua, de cima, enquanto o cigarro queimava ao vento gélido que ali soprava. A rua estava quase vazia, com suas luzes amareladas cor de enxofre, sua palidez habitual cotidianamente fiel. Embaixo de um luzir difuso, encontrava-se um velhote quase centenário, sentado a um caixote de frutas cítricas, desses de feira. Fumava um cigarro magro que julguei barato e ensopado; ele olhou para cima e pensei seu olhar ter se cruzado ao meu, ao que me fomentaram temores indescritíveis. Desviou o rosto carrancudo e sombrio para a esquerda com o rosto inteiro e ficou inerte. Mantinha os olhos fixados em algum ponto longínquo aonde derivavam seus pensamentos de mendicância. Ao dilacerar o resto do cigarro no parapeito da janela, distraí-me com uma jovem pálida que passeava do outro lado da avenida, perto do velho, com uma sombrinha estampada em floral amarelas e vermelhas às mãos. Desatinada com consecutivas poças d'água ao longo da avenida larga, a moça enfiava os pés de sandálias baixas pelos buracos e ondulações da rua, ao que deviam molhar-lhes os pés. Quando a moça cruzou o velho, este estendeu a mão direita, com um gorro basco e negro à esquerda, replicando ela a parar e dar-lhe algumas moedas; logo seguiu, sem delongas ou palavras confortantes.

A chuva se abrandara um pouco e do céu quedava um chuvisco; do leste assobiava um vento cru. Pude escutar ali na varanda, o som da pipoca estourando no micro-ondas; a voz suave

de Clara cantarolando alguma melodia dela, e, a risada pura e doce das crianças. Agora, assomava-se uma ternura imensa em meu peito, comecei a sentir-me seguro, preenchido, amado. Febricitei de júbilo quando fechei os olhos: as crianças, Clara, a pipoca com coca-cola. Demorei alguns minutos ali, sentado e sozinho. Num súbito, senti arquejos, tive espasmos, ofeguei com as mãos em meu átrio, a buscar subterfúgio. Acometeu-me um nó na traquéia, minha boca secou, meus olhos marejaram. Quando abri os olhos, pressenti gotas escorrendo em minhas faces, pisquei, pisquei, pisquei; aquela água salgada manchava meu sorriso, inundava meu viço. Eu gemia, soluçava, as lágrimas corriam impetuosamente, sem compreensão. Eu não entendia aquilo, como não entedera a série de palavras que haviam escapulado de meu cérebro com tamanha avidez.

Joguei o resto do cigarro lá em baixo em completa negligência, olhei para baixo debruçando-me ao parapeito. Não atinei a um rapaz que partia à rua. Fiz uma careta de negação, mas já era tarde, soou-me vã. Passei ante a cozinha a passos largos, porém vi Clara de costas, banhada a uma luz que salientava suas pernas envoltas a uma saia plissada e o cabelo preso a um coque vermelho. Corri até o quarto. Peguei minha jaqueta preta que levava a Jacarta. Ao encostar a porta, conjecturei que não havia pegado o celular, porém atinei vagamente ao bip do micro-ondas e a voz do prematuro: Não Murilo, quero Star Wars!

Ao dar na rua, um clarão ofuscou meus olhos. Olhei ao relógio, oito e quinze, esfreguei meus olhos com sofreguidão, eles ardiam, talvez pelo choro. Caminhei sereno, a passos cadenciados ao desconhecido. Eu não sabia aonde ir. Estonteara ao dar em frente ao velho, qua havia me olhado minutos antes. Enfieei a mão esquerda no bolso e dei a ele algumas poucas moedas,

renunciando algumas moedas de Rupiah segregadas em minha jaqueta. O homem balançou a cabeça, balbuciando algo incompreensível, talvez falasse indonésio, entretanto foi solícito ao sorrir agradecido. Pouco dava para ver sua boca, visto o excesso de barba tomar de vez sua cara. Saí dali em direção a uma tabacaria. Não trouxera as chaves, nem celular ou cigarros. Senti frio, a chuva agravava-se, meus cabelos há semanas sem corte caíam-me aos olhos. A friagem no peito ardentemente aumentava. Crispei o rosto, semi-serrei os olhos, cocei o nariz, enfiei a mão no bolso novamente. Apertei o passo, corri um tanto e dei embaixo de um choupo de álamos.

Ao cair da noite, entre tapas noturnos da lua, voltei pra casa, voltando a ser o homem feliz que sempre fora, desde os tempos mais remotos de minha feliz infância.

o tempo do fim

Um dia, o pai lhe revelou que ela não tinha dentes. Só um monte de tufo de cabelos que escorriam feito líquido do topo da cabeça, trazendo um certo ar misto de alegria e contemplação para quem observasse. Ela sorriu e perguntou o quê mais? Ah, sei lá, disse o pai. Acho que você tava quente. Você sabia disso. Acho também que você devia achar tudo tedioso porque tudo dentro da sua mãe era escuro e monótono. Mas ali, no quarto da maternidade, mesmo com sua mãe morta, você sabia que estava segura. Caralho!, exclamou ela.

O pai pegou a bituca do cinzeiro, acendeu-o e pôs a despejar fumaça no ar: Sabe, depois de um tempo relutante, eu comprei um andador velho e feio, branco e desbotado. Ele tinha uns focinhos, umas caras de plástico remetendo-se a uma vaca, uma galinha, um cão e um gato. Você era tão nerd que tinha a extrema e peculiar perspicácia de apertar todos os botões de uma vez: miau, muuuuu, au au, có có có. Era o dia inteiro, meu Deus! O pior é que eu não tinha o número do SAC pra poder reclamar com o fabricante. Ou eu não cheguei a vê-lo, sei lá.

Judy deu gargalhadas, descobrindo os dentes jovens e amarelados de alcatrão. Os olhos moviam-se rapidamente, como se quisessem se defender de algo que a incomodasse. Passou os dedos pelos cabelos aquáticos, a fim de recolocá-los atrás das orelhas furadas. Olhou para o pai e disse: Osmar, Seu Osmar. Eu te amo, cara. Agora responda-me, sim?, Por que meu nome assim, Judite? Judite, Judite,

por que Judite? Ah, disse o pai, sua mãe achava bonito. Sabe como é, coisa de mulher. E tem mais, nem vem me perguntar o que significa, porque eu não sei. Vai no Google. Ou no Discovery Channel... haha.

eu

te

amo, minha filha.

retina de maré

Um dia comum, eu já sabia. Era como um aviso do destino, uma carta, uma cartomante. Um anjo, informante do destino. Quando vi tua saia balançando, enquanto tu voltavas do banheiro, a cerveja pesando meu estômago, a bexiga contra o resto que ficava lá dentro de mim, pude enxergar, pela primeira vez, a tua vida. E era uma vida comum, mais uma dentre tantas outras que circulam pela cidade, a cidade-comum. Um bar comum com amigos comuns, e até a cerveja era comum. Só o dia não era comum. Teus olhos balançaram, a retina dançou devagar como maré, e meu semblante te abraçou. Todo o resto se despiu, naquela sexta-feira comum. Acho que eu já sabia. Era um aviso. Eu não acreditava em amor, eu nunca fui muito fã de amor. Eu nunca fiz O Amor. Não sei por que tanto folclore em cima duma palavra tão pequena e tão promíscua, que está nas músicas da Bossa Nova e nos comerciais de sabão em pó. Eu vi você sorrir e você falar, quase muda, sem voz. Não há sentido. Não existe razão nas palavras. O que penso, o que digo agora. Sou meu locutor pessoal, meu ouvinte apaixonado. Estou insento das responsabilidades ao meu redor. Eu queria fugir mais uma vez. Mais uma vez, não sei pra onde ir. Sabe aqueles dias que nos pegam de surpresa, a cabeça estonteada, vazia como num dia de prova; eu queria fugir. Enfiar a cabeça dentro de um buraco de terra e nunca mais sair, dizia a minha mãe, a cabeça lá no fundo, seu corpo sem cabeça, escondida, segregada do resto do corpo. Do resto do mundo. Como se fosse uma vergonha alheia no meio dum cubículo com calefação ex-

trema. Acho que já sei seu nome: ou não. a, bê, cê, dê, e efe, ge, agá, i, jota, ele, eme ene [...] zé. Eu nunca sei das coisas, mesmo. Se soubesse, teria certeza, saberia para onde ir. Escolheria o país ideal para fugir de tudo. Mas será que eu iria para um país? Pouco provável. Acho que uma ilha deserta, sem nada, sem ninguém, vivendo de comer mato. Verde. Que coisa mais clichê. Ilhas são para personagens nonsenses. Se eu soubesse das coisas, eu não ia querer fugir. Fugir de quê? A vida, responde esta pergunta. Não quero mais isso aqui. Não me suicido. Acho que as pessoas tristes, ou não se matam por medo do signo oculto da morte, ou por medo social, que é sempre pior. Se porventura aparece na fila do banco um homem que passou no jornal tentando pular da ponte, todos o olham estranhamente, como se fosse um persona kafkiana, um metamorfoseado qualquer, com dinheiro no bolso. Eu nem sei mais quem eu sou, e também não sei o nome dela, da retina de maré. Aquele era mais um pensamento comum. E aquele era mais um dia comum.

olhos acostumados

Ela, com seus cabelos louros – um louro saudável e fabuloso, não um amarelo acinzentado. Olhos enormes, agudos e castanhos; levemente doces, como canela. Tinha um rosto firme e atraente, como alguém que vigia. Ela, que não era, digamos assim, minha super importante mulher, me fazia acreditar que tudo aquilo não passava de simples curiosidade, mas de início, eu mal sabia disso, acreditando antes ser uma paixão da alma concupiscente, achando que minha alma racional não deveria dela se nutrir, alimentando-se somente da luxúria, coisa que, pensava eu, já se sabe desde o início.

Ela na verdade, não se sentiu constrangida ou de uma forma desesperada e inútil, avessas a olhares curiosos de um homem estranho, inventara uma válvula de escape completamente normal a uma estranheza natural pós-sexo. Ela me deu um beijo ainda morno na boca, se embrulhou no lençol novo de algodão com manchas amareladas com grandes estrias de corpos se amarrotando noite a dentro, e correu para as janelas acendendo um cigarro novo. Meus olhos capturavam aquela cena como uma câmera fotográfica pré-programável. A forma natural como os cabelos corriam livres pelo rosto em perfil até os ossos do ombro e a perfeição como o lençol se entrelaçava naquele corpo; as pernas e o mecanismo complexo da lombar, a curvatura das pernas em que tanto andei, como um forasteiro inútil procurando diversão. Eu cheguei na janela e também acendi um cigarro. Nem se importou muito de eu ter pego do seu maço, quase no fim. Quando olhei pra ela, buscando aprovação, vi que

seus olhos guardavam um céu limpo e sem nuvens, ela piscando devagar, longe com seus pensamentos secretos de mulher. Passou as mãos de leve no meu rosto em sinal de afeição. Logo desejei ter feito a barba nesse dia. Ou na véspera, ou na antevéspera. Quem sabe na semana passada. As mãos dela no meu rosto, de certa forma, me deixavam um pouco apreensivo. Parecia disputa de pênaltis em final de campeonato. É peculiar como as mulheres que não são a sua, completamente sua, são tão carinhosas e meticulosas. Talvez esteja marcado aí o mistério. Ela e seus vinte e poucos anos. Flávia, nome comum, nome jovem. Eu não conheço nenhuma velha chamada Flávia. Ela ouve coisas que eu nunca ousaria ouvir (Dido, Mc Seiláquem), usa adornos que eu nunca usaria (um piercing enorme no umbigo), coisas que eu nunca usaria (uma lingerie preta do tamanho de um lenço). Fiquei olhando um pouco o seu quarto. A gente aprende muito olhando quartos, e descobre muito sobre as pessoas, especialmente amantes, só de olhar pros lados. Aquele, sem dúvida, era um apartamento de mulher solteira. Cheio de coisas espalhadas, quadros tortos, fotografias com cachorros e estranhos. Além da coleção completa do Nelson Rodrigues. Quando comencei a procurar minhas calças, reparei em um livro que julguei ser um de seus favoritos. O título é sugestivo e quase perceptível: Por que os Homens Fazem Sexo e as Mulheres Fazem Amor?, de Alan e Barbara Pease. Pra mim isso registra insegurança flaviana. E os homens gostam disso (elas também, claro). O ponto fraco de um, é o ponto forte do outro. Na verdade, o ponto fraco do homem é o sentimento – por isso aparentemente nós corremos tanto dele, por isso se esquivam do amor. Ela, que não era minha super importante mulher, não parecia ser uma dessas mulheres que vive se entregando ao amor. Não é daquelas que curte uma tragédia à beira mar. Ela sabe que os homens, até mesmo as mulheres, são completamente oportunistas. Tudo é questão de estar na hora certa, no momento certo. Uma busca por algo diferente, fora

do convencional. Uma reação ou fórmula monstruosa, nova, moderna, capaz de dar fim na carência e solidão pessoal. Uma equação escondida na metáfora de outra pessoa.

Assim que amarrei os cadarços da minha bota, sorri tácito para ela, fechei a porta, dei no térreo e entrei no carro, completamente mudo como um pierrot. Da janela, ela sorri. Talvez um pouco triste por causa dos olhos brilhantes. Ainda vejo ela dando um leve aceno com as mãos:

— E a gente, de novo?

— Sim, Flávia. Quando o cristo redentor coçar o nariz a gente se vê de novo.

Não sei por que, mas ela tirou o sorriso dos lábios. Ela, que não era, digamos assim, minha super importante mulher.



Arquivo pessoal

Sobre o autor:

Lucas Feat é o pseudônimo de Lucas Daniel Tomáz, (Brasília, 1986). Trabalhou em diversas áreas da comunicação, bifurcando-se pelas veredas da música, do jornalismo e do design gráfico. Publicou na antologia *Histórias Liliputianas* (Andross editora, São Paulo, 2010), o conto “O tempo do fim”. Atualmente é colaborador do Jornal Satélite (DF).